

BOFE

Rudá Guedes Lemos¹

BOFE

BOFE

¹ Rudá Guedes Lemos é mestrando em Processos Artísticos Contemporâneos na UDESC e artista visual, assina suas obras como ciber_org. lattes:<https://lattes.cnpq.br/5321113043567432> e ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5573-7130> E-mail: rudalemos.contato@gmail.com

RESUMO

Esta proposição artística apresenta uma série fotográfica composta por imagens 3x4 de diferentes momentos da minha vida, recortadas e sobrepostas, compondo um rosto-retalho atemporal e multigênero. A série configura-se como um dispositivo visual de investigação autobiográfica, no qual a imagem opera como campo primário de produção de sentido. As fotografias articulam questões de identidade, corpo e leitura social, evidenciando a artificialidade das categorias de gênero, tanto aquelas fabricadas pela cisheteronorma — mulher e homem — quanto aquelas refabricadas pelas dissidências sexo-gênero, como sapatão, bofinho e sapatransviade. O texto que acompanha a obra atua como camada reflexiva derivada da experiência com as imagens, articulando episódios de reconhecimento social, transição médica e negociações cotidianas do gênero. Amparado na crítica de Monique Wittig, o trabalho propõe a identidade como um agenciamento em permanente revisão, no qual o corpo se configura simultaneamente como arquivo, campo de disputa e espaço de autoconstrução.

Palavras-chave: fotografia; transmasculinidade; identidade de gênero; sapatão; ensaio visual.

ABSTRACT

This artistic proposition presents a photographic series composed of 3x4 images from different moments of my life, cut out and overlaid to form a timeless, multigender patchwork face. The series operates as a visual device for autobiographical investigation, in which the image functions as the primary field of meaning production. The photographs articulate questions of identity, body, and social legibility, revealing the artificiality of gender categories, both those fabricated by cisgender normativity—woman and man—and those re-fabricated by sex-gender dissidences, such as *sapatão*, *bofinho*, and *sapatransviade*. The text that accompanies the work acts as a reflective layer derived from the experience with the images, articulating episodes of social recognition, medical transition, and the everyday negotiations of gender. Grounded in Monique Wittig's critique, the work proposes identity as an assemblage in constant revision, in which the body is configured simultaneously as archive, site of dispute, and space of self-construction.

Keywords: photograph, transmasculinity; gender identity; *sapatão*; visual essay.

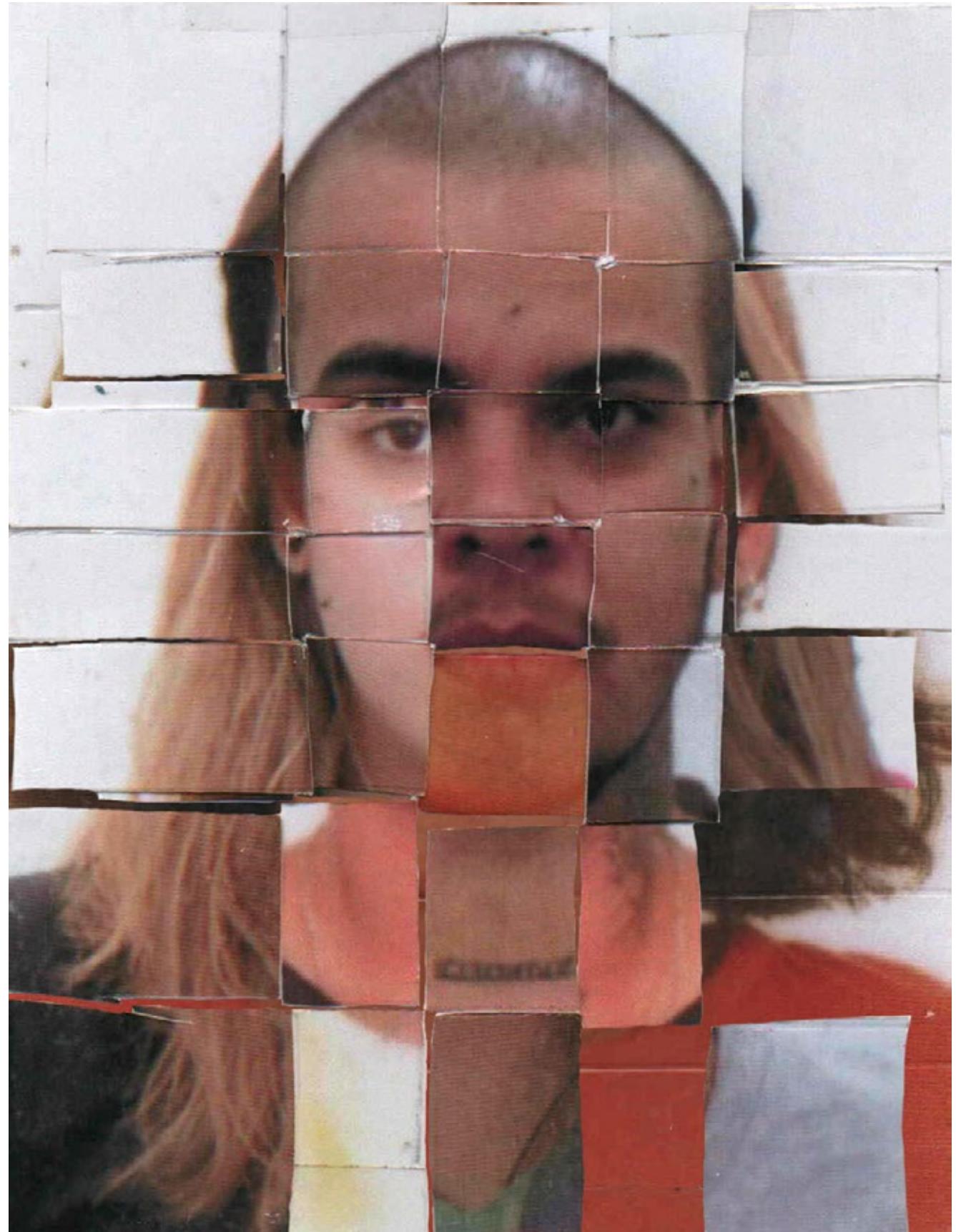
RESUMEN

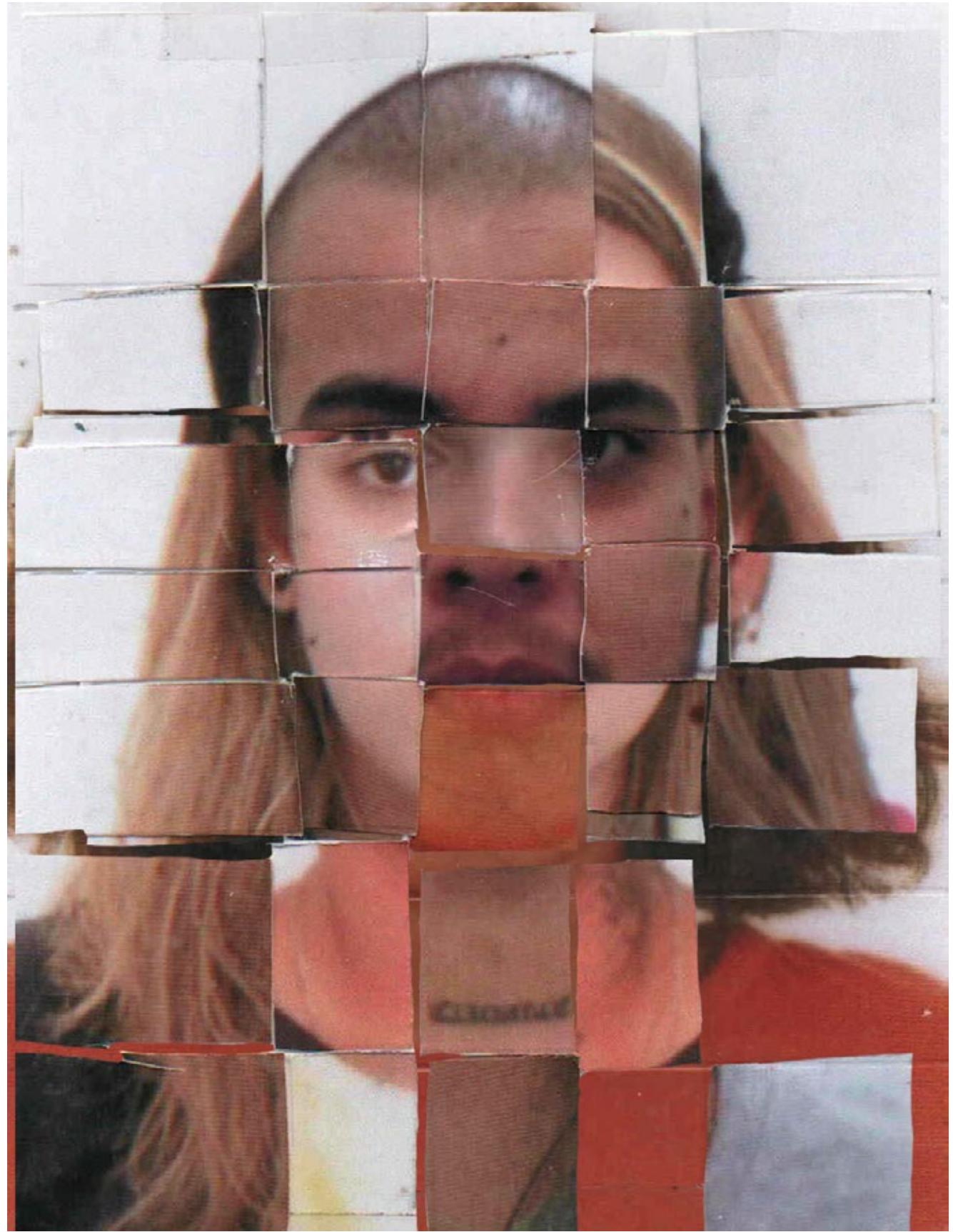
Esta proposición artística presenta una serie fotográfica compuesta por imágenes 3x4 de distintos momentos de mi vida, recortadas y superpuestas, conformando un rostro-retazo atemporal y multigénero. La serie se configura como un dispositivo visual de investigación autobiográfica, en el cual la imagen opera como el campo primario de producción de sentido. Las fotografías articulan cuestiones de identidad, cuerpo y legibilidad social, evidenciando la artificialidad de las categorías de género, tanto aquellas fabricadas por la cisgeneración —mujer y hombre— como aquellas refabricadas por las dissidencias sexo-género, como *sapatão*, *bofinho* y *sapatransviade*. El texto que acompaña la obra actúa como una capa reflexiva derivada de la experiencia con las imágenes, articulando episodios de reconocimiento social, transición médica y negociaciones cotidianas del género. Apoyado en la crítica de Monique Wittig, el trabajo propone la identidad como un agenciamiento en permanente revisión, en el que el cuerpo se configura simultáneamente como archivo, campo de disputa y espacio de autoconstrucción.

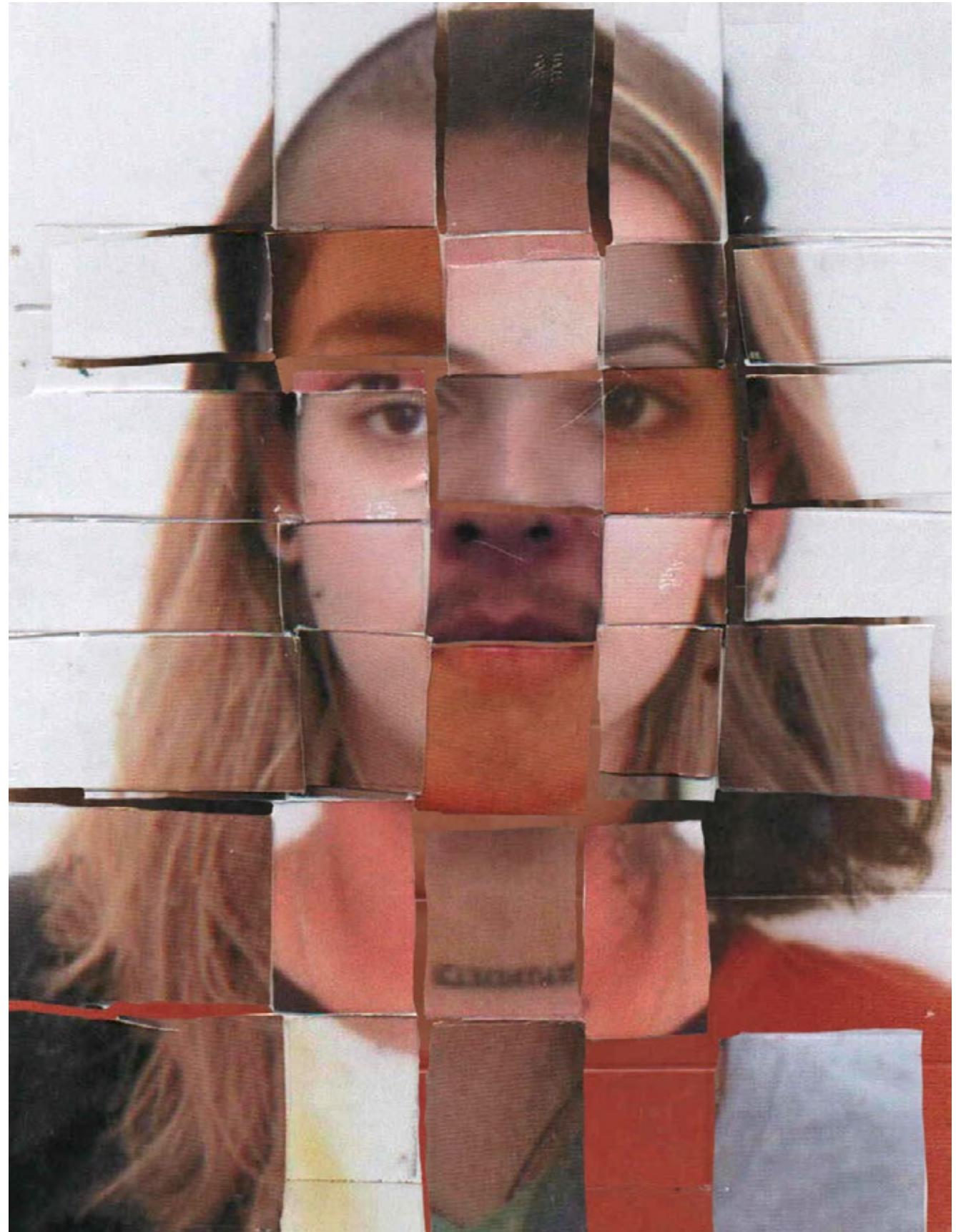
Palabras clave: fotografía; transmasculinidad; identidad de género; *sapatão*; ensayo visual.

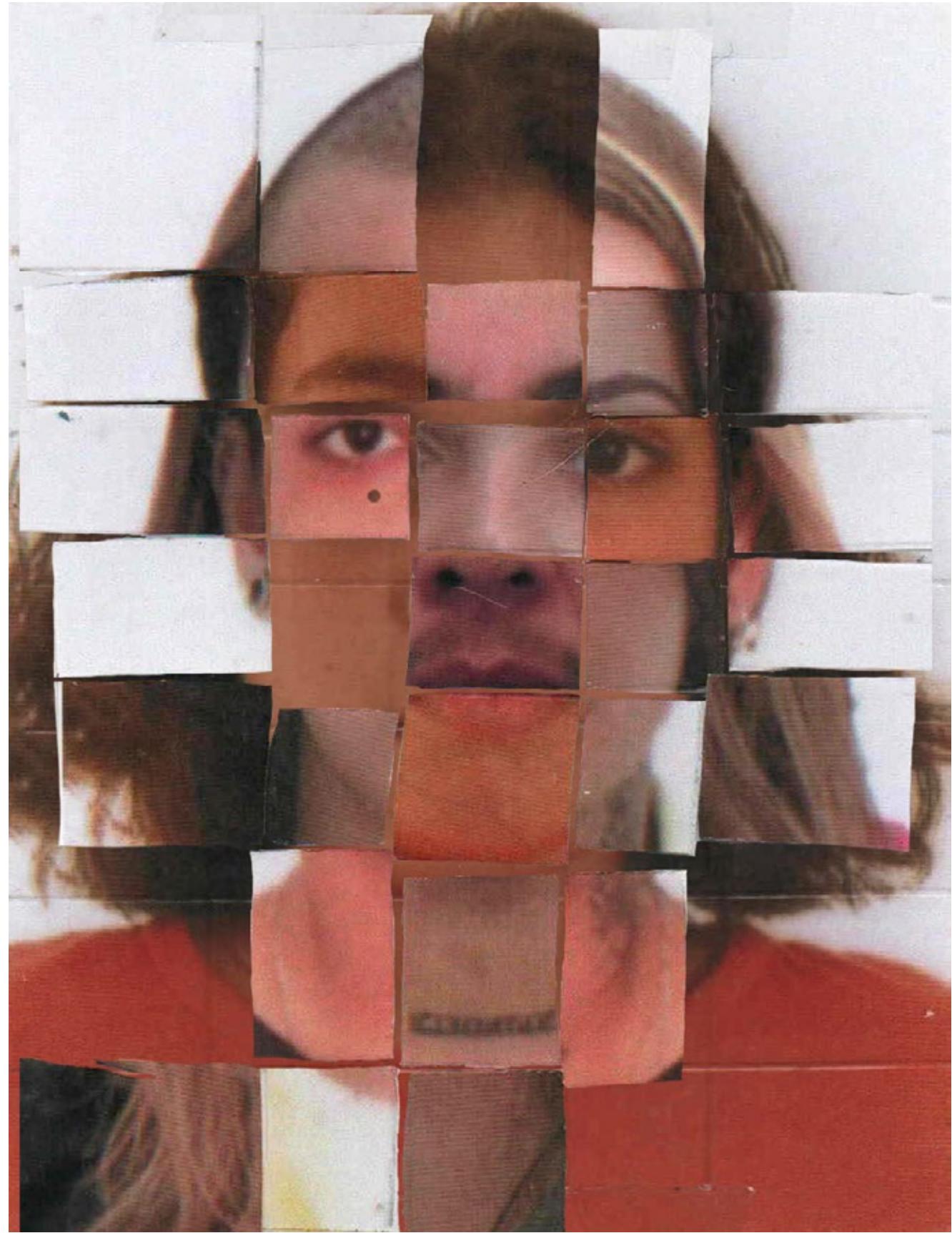


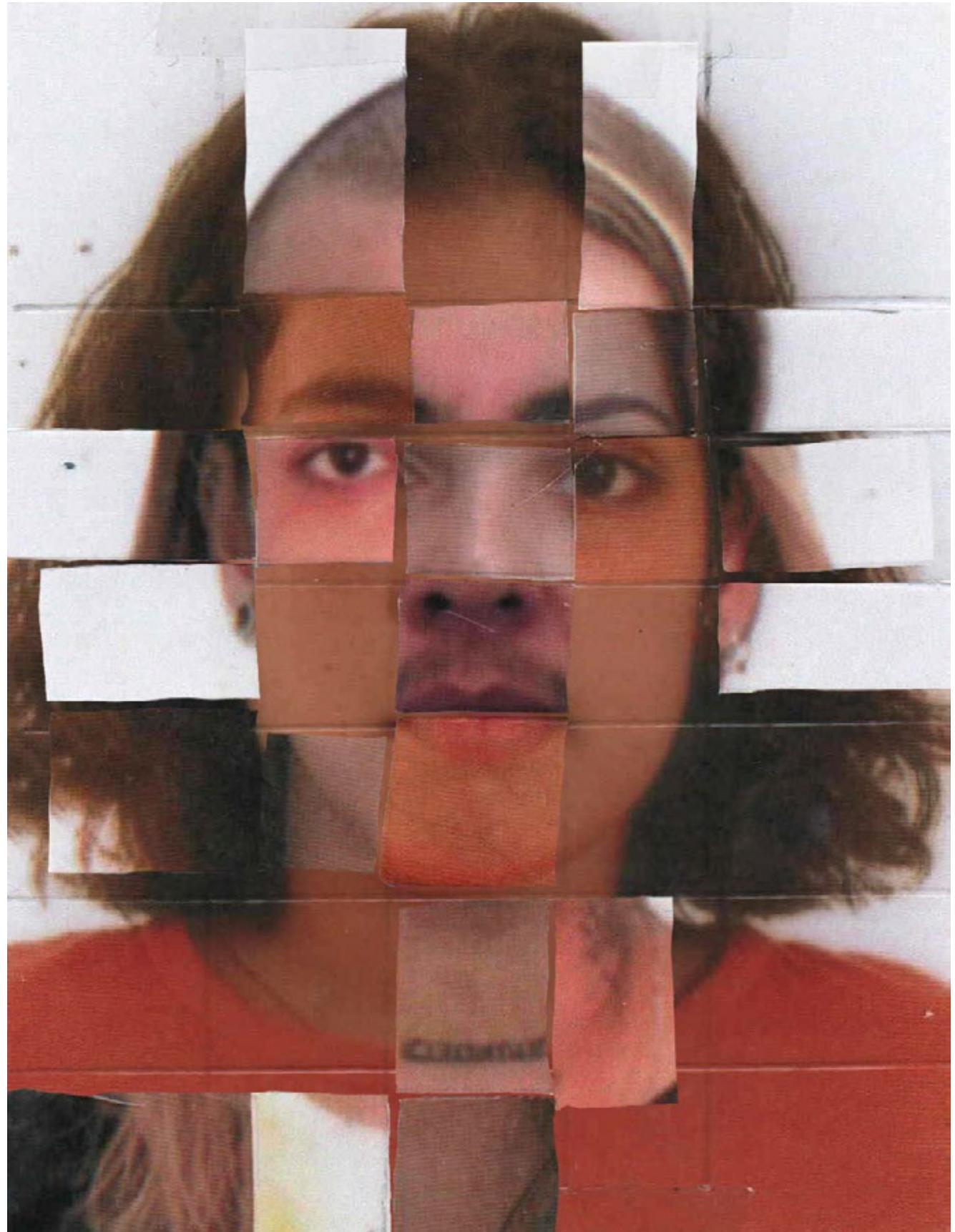


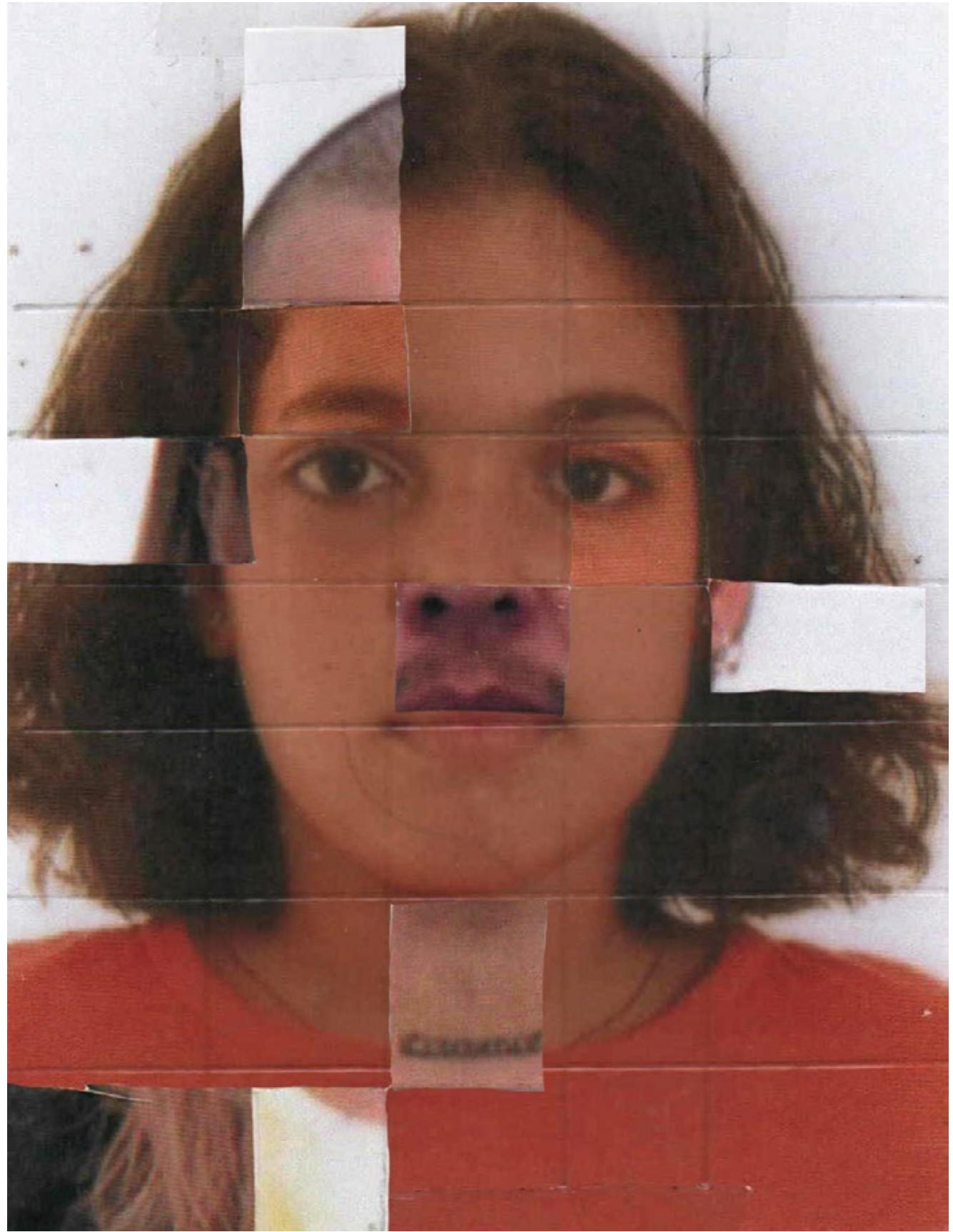
















Lista de Figuras

FIGURA 1 a 10 (p.4 a 13)

autor, BOFE (ensaio visual), 2025. colagem analógica. 80x115mm.

Fonte: acervo do artista.

Meu nome é Rudá, tenho 31 anos e sou uma pessoa de estatura mediana com barba e cabelos crespos castanho-escuro. No sul do país, onde resido atualmente, sou considerado uma pessoa negra; em Belo Horizonte, onde nasci e me criei, nem tanto. Possuo tatuagens visíveis nas mãos, nos braços, no pescoço e nas pernas, uso um alargador inox na orelha direita e uma argola de prata na orelha esquerda, possuo três piercings microdermais, um em cada maçã do rosto e no meio da testa.

A primeira vez em que uma mulher me leu como um homem, eu estava indo para casa, dentro daquele que devia ser um dos últimos ônibus do dia. Eu estava sentado do lado direito, no banco logo em frente àquele mais alto que fica em cima das rodas traseiras. A luz do ônibus estava apagada – procedimento padrão das linhas noturnas que atendem à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) depois das 22h –, o motorista só acendia a luz quando entrava algum passageiro novo, e, às vezes, nem dava tempo deste passageiro se sentar, e ele logo a apagava de novo. Lá pelas tantas, a luz se acendeu e eu vi uma mulher na catraca. Recém-saída do trabalho, ainda de uniforme, ela parou brevemente depois de girar a roleta e procurou um lugar para se sentar. Eu acompanhei seu olhar passear pelo ônibus e vi que, em todos os lugares vagos, havia um homem ao lado, dentro daquele que era provavelmente um dos últimos ônibus, de luz apagada, tarde da noite. Eu automaticamente me aprumei no banco, abri espaço para ela se sentar e vi-a passar direto por mim, indo se sentar ao lado de um homem que também estava de uniforme, vindo do trabalho, de borco na janela, ferrado no sono. Eu olhei em volta novamente, ainda incrédulo de que a moça tinha escolhido se sentar ao lado de um deles, naquele ônibus de luz apagada, tarde da noite. Mas, quando me desaprumei novamente no banco, vi, no último segundo antes do motorista apagar a luz, o meu reflexo na janela do ônibus, então entendi que ela se viu como a única mulher ali, que não tinha percebido que, embaixo do meu boné aba reta, havia alguém que também já havia sido uma.

Em abril de 2019, eu realizei minha primeira consulta no Ambulatório Trans de Belo Horizonte. O doutor, endocrinologista responsável pela hormonização de mais de 500 pessoas trans da RMBH, me recebeu no consultório do Hospital Eduardo de Menezes com uma pergunta petulante, divertida e ácida, que me faz pensar até hoje na resposta. Veja bem, em abril de 2019, eu tinha acabado de sair do armário pela segunda vez e chegava lá com a voz já metalizada pelo único shot de testosterona ilegal que havia tomado dois meses antes. “Hum... você, então, é uma pessoa não binária...”, ele comentou. Eu concordei entusiasmado. Com seu olhar fixo em mim por trás das grossas lentes dos seus óculos, ele ruminou um “aham” sob um bigode grosso e grisalho que mastigava as palavras antes da boca dizê-las. “Bom, aqui no consultório a gente segue um protocolo de hormonização padrão, uma ampola de Deposteron® ou Durateston®, de 20 em 20 dias. E isso é para virar homem. Tem o protocolo para virar mulher também. Mas, para virar não binário, não temos ainda...”. Ele dizia isso muito naturalmente; porém, eu me vi completamente chocado com a frivolidade dada à minha “condição” trans. “Condição” alçada ao mais grudento e espesso exotismo em qualquer lugar fora daquele consultório.

Quando relatei esse encontro para meus pares trans, alguns ficaram ofendidíssimos. Eu nunca fiquei. Era um alívio sentir que ali eu era só mais um dentre tantos, apenas mais um item no cardápio das identidades, tão esmeradamente fabricadas pela cisheteronorma e refabricadas pelas sexo-gênero dissidências. Eu cheguei a esboçar um sorriso com o comentário dele. Ele, ainda com o olhar fixo em mim desde que eu havia me sentado naquela cadeira me dizendo não binário e buscando por uma receita que me levasse de volta à minha viagem hormonal, ruminou mais “ahams” com o seu bigode grisalho enquanto lia o parecer da psicóloga que havia me recebido na triagem, até que, finalmente, ele pisca, como quem umedece a vista para ver melhor, e me pergunta: “Qual corpo você quer ter?”. Lembro de inclinar minha cabeça, surpreso, como um cachorro.

A única resposta possível naquela situação era a mais honesta de todas: “Eu não tenho ideia”. Nunca na vida eu havia me deparado com a possibilidade de pensar o meu próprio corpo como algo modificável, editável, manuseável, construível, *assemblável*.² O Dr. Eduardo foi o primeiro a me ofertar a pergunta que mudou minha vida: qual corpo você quer ter? Eu saí de lá com o protocolo padrão para virar o que ele chamava de homem nas mãos: 2 ml de Deposteron®, de 20 em 20 dias, com a última frase dele me seguindo de soslaio porta afora: “E, aí, a gente vai vendo, tá bom?”.

Seis anos depois e ainda não virei homem. Confesso que tenho um profundo desdém por essa palavra. Ela me soa empoeirada, velha, obsoleta. Relíquia de um sistema que tem sua falência anunciada a cada sexo-gênero dissidência já catalogada e autonomeada. Eu, honestamente, prefiro dizer *bofe*,³ utilizo muito essa palavra no meu dia a dia: “Você viu aquele bofão?”, “Ixi, ah lá, tá achando que eu sou bofe”, “Não, aquele ali é bofe, bofe mesmo”. Eu confesso que nunca quis ser bofe, mas sei que se você me encontrar tarde da noite, no último ônibus de luz apagada, você vai me ver como um bofe. No entanto, as únicas coisas que mudaram com a minha reidentificação de gênero foram a retirada dos meus seios que vestiam 46 e o acréscimo de uma barba que vem crescendo em meu rosto, dois procedimentos de modificação corporal que transformaram a leitura social da minha identidade completamente. Veja bem, o meu guarda-roupa nunca mudou, eu visto as mesmas roupas

2 *Assemblage* é uma técnica artística que consiste na junção de diferentes materiais, por meio de colagem, sobreposição e outras técnicas, para criar um novo conjunto. O termo foi cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901–1985) na década de 1950. O termo “*assemblável*” é um neologismo que criei ao transformar a técnica em um adjetivo para a identidade.

3 *Bofe* é uma palavra oriunda do dialeto das ruas utilizado pelas travestis trabalhadoras do sexo em meados do século XX. Nesta origem da palavra, bofe surge significando homem. Aqui, eu o utilizo para denotar um dos tipos de masculinidade.

desde que me assumi sapatão, há 12 anos, quando era uma sapatão bofinho.⁴ Camisa de botão larga, calça larga, cabeça raspada, tatuada: bofinho! E, agora, com essa barba: bofão!

Teve uma época anterior a essa que te escrevo, em que a materialidade do meu corpo não se encaixava nos contornos cismnormativos de gênero. Eu era um corpo com peito e barba e as pessoas realizavam uma coreografia particular com o olhar sempre que me encontravam, a qual eu chamo de *movimento cara-crachá*. Sempre que percebiam o volume do meu busto, subiam o olhar para o meu rosto, esquadinhavam minha barba, depois retornavam aos peitos, vasculhando com a vista cada pedaço de peito que escapava por baixo do meu *binder*,⁵ dali para a barba novamente, e de volta ao busto e depois à barba... Esse movimento era feito à minha revelia, me causava vertigem ser esquadinhado à guisa da régua da materialidade cismnormativa. A música de Helen Maria e Vulkani-ka Pokaropa, *Botina na Cara*, exemplifica perfeitamente essa experiência cotidiana dos meus primeiros anos de transição: “Se é menino ou menina / o machinho quer saber / toda hora que eu passo / ele volta a dizer”.

Wittig nos diz que a lésbica nunca foi mulher, porque a mulher é um sujeito que existe a partir, para e sob a lógica da heterossexualidade. A mulher é engrenagem da cisheteronorma, ela existe por e para o homem heterossexual, então a sapatão que evade a cisheteronorma é outra coisa, não é mulher.

4 Sapatão bofinho é um termo comumente utilizado dentro da comunidade LGBTQIAPN+ para designar mulheres lésbicas que possuem uma estética considerada masculina pela cisheteronorma, como cabelo curto e roupas largas.

5 *Binder* é o termo utilizado pela comunidade travestigênero para designar os dispositivos utilizados para modificar o corpo temporariamente, como disfarçar o volume dos seios por meio de fitas micropore, esparadraps, faixas ou coletes.

O que é a mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa. Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva, e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem como mulheres, pois “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres (Wittig, 2022, p. 67).

Eu levei um baque considerável quando pensei ter perdido a minha identidade sapatão bofinho, esmeradamente construída nos últimos anos de afirmação da minha sexo-gênero dissidência. Quando os métodos de modificação corporal que elenquei para a construção da minha identidade transmasculina começaram a sedimentar em meu corpo, logo entenderam que eu me identificava como um homem, mesmo nunca tendo dito isso na vida. Eu também levei um tempo considerável para entender que continuava sapatão, que toda a minha subjetividade tinha sido construída e sedimentada em torno da identidade sapatão, que a maneira de me relacionar sempre foi sapatão; portanto, que não haveria barba que crescesse em meu rosto capaz de transformar o meu amor por outra pessoa em um amor heterossexual.

A lógica que Wittig nos apresenta ao afastar a sapatão dos contornos rígidos e cisheteronormativos que fundamentam nossa ideia de mulher me encanta. Eu sempre fui sapatão, mas mulher... No entanto, quando penso na materialidade do corpo, penso também na materialidade da violência, e o meu corpo está sob o jugo da violência de gênero desde o momento em que me apontaram mulher em uma imagem disforme em um ultrassom. Na materialidade do meu corpo visível, até uma certa camada de roupa, eu sou um bofe, mas em que momento eu deixo de ser essa mulher apontada em um pré-natal? E aqui, eu digo mulher enquanto sujeito político, não biológico. Eu digo mulher enquanto a primeira contraforma da identidade cisheteromasculina, como o grande

primeiro Outro, enquanto tudo aquilo que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, não é e não pode ser, porque se for, já não será mais homem, correndo o risco de ser algo que não Deus, correndo o risco de ser o Outro, correndo o grande risco de ser mulher. Já a mulher, vinda da tal costela do filho do Criador, livre dos contornos, da forma, da imagem e da semelhança do próprio Criador, pode ser tudo aquilo que não está enclausurado nos próprios limites do que é ser Deus, pode ser quem quiser ser, inclusive, não ser mulher. É possível dizer mulher enquanto primeira pessoa do plural? Capaz de abarcar todos os Outros e Outras que surgiram como tudo aquilo que não é homem, logo, que não é Deus? Se sim, então, talvez, eu seja ainda mulher, porque sigo definitivamente sendo o Outro, mesmo sem peito, mesmo com barba, sigo sendo tudo aquilo que não é homem, logo, que não é Deus.

Eu ainda não tenho resposta para a pergunta que me foi ofertada em 2019, confesso que há ainda desejos de modificação corporal que vão além do gênero, como língua bifurcada e implantes subdermais, adereços a serem adicionados às minhas 50 tatuagens, quatro piercings e um brinco. E apesar de todas as teorias lidas e discutidas sobre o que se é, quem se é, como se é, o quanto se é, quando e de que jeito se é ou se pode ser, é a frase da minha tia Márcia (Guedes, apud ET AL., 2024, p. 3) que me acompanha desde a infância e que eu deixo para você como uma síntese perfeita de tudo isso que vem sendo discutido sobre o gênero: “eu sou eu, gato é um bicho, nasci pelado e tô vestido”.

Referências

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero e Outros Ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

ET AL. **apud**. Florianópolis: Caseira Editora, 2024 (disponível em:
<https://encr.pw/www-apud-com-br>)

Data de submissão: 10/07/2025
Data de aceite: 14/11/2025
Publicado em: 11/12/2025